

## Notas

Robert C. Smith

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SMITH, RC. Notas. In: *Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos da sua história* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 63-68. Nordestina collection. ISBN 978-85-232-1158-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## NOTAS

1. Uma seleção de desenhos dessa coleção foi publicada pelo autor desta comunicação em *Alguns desenhos de arquitetura existentes no Arquivo histórico colonial português (Revista do Serviço do patrimônio histórico e artístico nacional)*, Rio de Janeiro, 4, 1940, 209-49). Apresentando aqui uma segunda coletânea de plantas, mapas e elevações do mesmo Arquivo, deseja o autor agradecer profundamente aos funcionários do Arquivo Histórico Colonial Português (AHCP). Dr. Alberto Iria, Diretor do Arquivo, e D. Luiza da Fonseca, cuja generosíssima ajuda e preciosos conselhos tornaram possível a colheita e interpretação deste novo material.
2. Biblioteca Nacional de Lisboa; Arquivo de Marinha e Ultramar. *Catálogo de mapas, plantas, desenhos, gravuras e aquarelas*. Coimbra, 1908
3. Existe outra planta, do andar superior, das mesmas dimensões, mas sem legenda.
4. Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal do Salvador (AHPMS), *Cartas do senado da câmara a S. Majestade*, A-159.
5. Segundo Souza Viterbo (*Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Porgual, Lisboa*, 1, 1898, 378-80). Nicolau de Frias estudava a arquitetura em 1598 com outro Nicolau de Frias e a geometria com o Cosmógrafo-mór de Portugal, João Baptista Lavagna, recebendo uma pensão de 20\$000 réis por ano. Em 1603 foi ele nomeado para ir servir no Brasil “a fim de olhar pelas fortalezas d’aquelle estado.” No ano de 1614 acompanhou Jerônimo de Albuquerque na expedição de Pernambuco contra os franceses do Maranhão, voltando em 3 de dezembro para informar ao Governador em Olinda a respeito da vitória aí alcançada. Regressou a Portugal em 1645.
6. A. J. de Melo Moraes, *Cidade da Cachoeira, “Brasil Histórico”, 2ª série*, Rio de Janeiro, 1866. 30. Segundo um mapa topográfico da cidade de Cachoeira na coleção George Arents, da New York Public Library, possuía este edifício uma sólida torre lateral. Esta vista, contudo, há ser interpretada com extremo cuidado, porque um exame detalhado de seus pormenores indica a probabilidade de alguns elementos fantásticos (Robert C. Smith, *Some views of colonial Bahia*, a ser publicado no próximo número de Arte, órgão da Academia Nacional de Belas Artes de Portugal).
7. Ilustrada em *Relíquias da Bahia* de Edgard de Cerqueira Falcão (S. Paulo, 1940, fig. 441)
8. Esta aquarela (num. cat. 31.65) mede 36m x .68m). Uma larga descrição dela figura em *Some views of colonial Bahia*. Publica-se aqui graças à licença tão amavelmente com cedida pelo Museu do Estado da Bahia.
9. José Antonio Caldas. Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente anno de 1759 (*Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, 57, 1931, 51).
10. Luis dos Santos Vilhena. *Notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas*, Bahia, 1921, 119-21
11. *Ibid.*
12. Governou o Brasil desde 1710 até 1711.
13. «As Igrejas Matrizes e Capellas do Sertão pela maior parte são de adobe ou terra com seo rebôco de cal, aonde a ha, tudo por falta de pedra e desta materia não pode ser duravel edificio algum. Os que tem nos seus districtos madeiras mais seguras, uzão dellas para mais segurança e duração...» Carta do Arcebispo da Bahia, D.Joaquim Borges de Figueroa (1773-80) para Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Bahia, 8 de novembro de 1774 (*Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de marinha e ultramar*, organizado por Eduardo de Castro e Almeida (*Annaes da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro*, [A.B.N.R] Rio de Janeiro, 32, 1910, 284).
14. Miguel Pereira da Costa, engenheiro militar mencionado na consulta do Conselho Ultramarino de 18

de junho de 1709 sobre a nomeação de engenheiros à praça da Bahia, chegou aí um ano depois. Foi autor de vários discursos sobre as fortificações de Salvador conservados em manuscrito na Biblioteca da Ajuda de Lisboa. Tendo servido na Bahia «em o posto de thenente de mestre de campo general engenheiro com grande trabalho e contínuo exercício nas fortificações e ser necessário ao meu real serviço» foi promovido a Mestre de campo “ com os soldos e prerogativas que costumão ter semelhantes officiaes” em 17 de junho de 1714 (Souza Viterbo, op. cit. 2, 252-53).

15. Este engenheiro com patente de Capitão de infantaria com o exercício de engenheiro, foi nomeado para a praça da Bahia em 1711. Cinco anos depois passou a ser Sargento-mór. Exerceu o seu posto em Salvador “com bom procedimento, ensinando na aulla a fortificação militar” (ibid., 2, 1-3)

16. AHCP, *Papeis avulsos de Pernambuco*, não catalogados.

17. V. a seção desta comunicação sobre o convento de N. S. da Lapa.

18. Uma apreciação sobre o papel do engenheiro militar português na vida brasileira do século XVIII foi publicada recentemente pelo autor (Robert C. Smith, *Jesuit buildings in Brasil*, “*Art Bulletin*”, XXX, 3 setembro, 1948, 207-13)

19. AHPMS. *Arrematação* 3, 5 de agosto de 1724. V. Robert C. Smith, *Documentos baianos* a ser publicado no próximo número da “*Revista da Diretoria do patrimônio histórico e artístico nacional*.”

20. O alpendre servia de pórtico em numerosas capelas de engenheiro e igrejinhas rurais da primeira metade do século XVII, como mostram as pintura de Frans Post (1612-80) e Zacarias Wagner. Diversos desses quadros são reproduzidos na bellissima nova monografia do erudito Joaquim de Souza-Leão, filho (*Frans Post*, S. Paulo, 1948. 27. 60, 64 VII, VIII, IX, XII, XVII, XXI, XXVIII, XXX, XXXI, XXXII).

Sobrevivem poucos exemplos no Brasil, entre eles, na Bahia, N. S. da Escada; S. José do Genipapo (Castro Alves); Sto. Antônio dos Vestasques (Itaparica). V. Falcão, op. cit. 420, 430, 494, 499. Em Pernambuco existem as capelas de S. Roque de Serinháem e S. Miguel de Garapú, perto da Cidade do Cabo. Outras são S. Miguel, às portas de S. Paulo, e Columbandê no estado do Rio de Janeiro.

21. Pedro de Vasconcelos de Sousa, terceiro Conde de Castelo Melhor governou o Brasil de 1711 a 1714.

22. ABNR, 32 267.

23. Quando no ano de 1693 chegou à Bahia Frei Alípio da Purificação, comissários geral dos missionários agostinhos descalços, acompanhado de mais três frades, para estabelecer um convento de sua ordem ,obtiveram, a cessão da igreja de N.S. da Palma com doação de terreno contíguo a ela, onde principiaram a construção de um hospício para receber seus missionários que chegassem de Portugal com destino à ilha de S. Tomé. Reedificou-o, e provavelmente a igreja também, Frei Bento da Trindade depois de 1778 (Francisco Vicente, *Memória sobre o estado da Babia*, p. 313; Inácio Accioli, *Memórias históricas e políticas da província da Babia*, Salvador, 5, 239-41).

24. Ilustradas em Falcão, op. cit., 98, 272, 283.

25. Ministério da Educação e Saúde, Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 7, Rio de Janeiro, 1940, 269-71.

26. Este engenheiro militar chegou à Bahia em 1749 com a patente de Sargento-mór (Sousa-Viterbo, op. cit., 1, 162-63) por um período de 8 anos. Embora ao fim deste prazo quisesse voltar a Portugal, foi-lhe dado a tarefa de visitar as minas de Montes Altos no sertão baiano, onde se tinha descoberto salitre. Ficou promovido a Tenente Coronel em 1761. Morreu em Salvador em 1767 (ABNR, 32, 161).

27. José Antonio Caldas, grande desenhista e atívisimo engenheiro da praça da Bahia, nasceu na cidade do Salvador, de que seu pai era natural. Assentou praça de soldado em 25 de março de 1745, sendo promovido a Cabo de esquadra em 2 de março de 1750. Entrou na Aula Militar da cidade, e como partidista dessa firmou a planta e elevação do seminário de N. S. da Conceição no lugar da Saúde, que os Jesuitas pretendiam levantar em Salvador (desenho atualmente no Arquivo Militar do Rio de Janeiro). Em 1755 se lhe concedeu licença para ir passar um ano em Lisboa. Já, nesse ano, porém, foi escolhido pelo Vice-rei Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha (1754-60) para delinear as fortificações das ilhas de S. Tomé e Príncipe (alguns desenhos no AHPMS). Regressou a Salvador antes de agosto de 1757 e trabalhou

com Manuel Cardoso de Saldanha na preparação da *Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela Marinha a Cidade do Salvador, Babia de todos os Santos, Metrôpolo do Brazil aos 13 graos de latitude p.a a parte do Sul, e 345 gr.s e 36 min.*<sup>105</sup> de longitude, Babia e de Abril 13 de 1758 (19m x 1.22m). O panorama junto com o texto descrevendo a Bahia, da autoria de Caldas (nota 9) são guardados no AHPMS. Aos 3 de abril de 1761, Caldas foi nomeado Capitão de infantaria com exercício de engenheiro e lente da Aula Militar da Bahia. Dirigiu a obra da reconstrução da Sé catedral. Existem diversas referências às atividades do engenheiro durante esta década. Em 1763, inspecionava calçadas da cidade. Quatro anos depois, com Manuel Cardoso de Saldanha visitou as fortificações do Espírito Santo. Nesse mesmo ano, tratou do encanamento da fonte de Água dos Meninos. Em 1768 José Antonio Caldas recebeu a patente de Sargento-mór, sendo nessa época o único engenheiro da praça da Bahia. Foi de novo ao Espírito Santo em 1766 e, regressando a Salvador, procurou nova promoção. No ano de 1782, agora cavaleiro professo na Ordem de Cristo, firmou seus últimos desenhos, representando o antigo colégio da Companhia de Jesus do Salvador com sua respectiva igreja. Caldas morreu aos 31 de outubro de 1782 (R. C. Smith, *Jesuit Buildings*, 211-13). O grandioso panorama de Caldas e Saldanha faz parte da mesma série de vistas da cidade, executadas no século XVIII e espalhadas nos arquivos de Portugal e do Brasil, à qual pertencem as seguintes peças.

Vistas manuscritas setecentistas da Cidade da Bahia

“Topographia da Bahia de todos os Santos, na qual está situada a cidade de S. Salvador. Feita pelo Sargento-mór Engenheiro José Antonio Caldas e copiada e reduzida pelo Ajudante d’Engenheiro José Francisco de Sousa em 1774” (.33m x .44m). Arquivo histórico Colonial Português, Lisboa.

“Prospeto da Cidade da Bahia de Todos os Santos na América Meridional aos 13 graos de latitude, e 345 graos e 36 minutos de longitude por José Francisco de Souza e Almeida, Capitão de Artífices, 1782” (.21m x .385m). Arquivo da Direção da Arma da Engenharia do Exército Portugues, Lisboa.

“La Baya de Tous Les Saints, Ancienne Capitale Du Brésil. Dessinée sur les Lieux par Albert Dufourcq” (1783?, .34m x .735m). Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador.

“Perspectiva de uma parte da Cidade da Bahia, na qual se mostram os Edifícios compreendidos na parte superior e inferior da Cidade, algumas Ruínas e o Projecto de um novo paredão. Pelo Ajudante d’engenheiro, Manuel Rodrigues Teixeira, 1786 “ (.46m x .30m).

“Perspecto da Cid.º de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos por Manuel Rodrigues Teixeira, Cap.º Engen. (.33m x 1.575m). Arquivo da Direção da Arma da Engenharia, Lisboa.”

“Topografia da Cidade capital de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos por Joaquim Vieyra da Silva, Ajud.º Engr.º, 1798” (.484m x .66m). Arquivo da Direção da Arma da Engenharia, Lisboa.

28. Governador do Brasil desde 1702 até 1705.

29. AHPMS, *Cartas do senado da câmara a S. Majestade*, A-436, 66 verso.

30. Christovam Ayres de Magalhães Sepúlveda. *História Orgânica e Política do Exército Português*. 15, Coimbra, 1928, 119-24.

31. 1613-78. Sua principal obra sobre a fortificação é o *Método lusitânico de desenhar as fortificações das praças regulares e irregulares*. Lisboa, 1680.

32. “Dom Joam por graça de Deoz Rey de Portugal, etc. Faço saber a voz Prov.ºr mor da Faz.ª do Est.º do Brazil, que por ter rezoluto que Afonço Luis da S.ª tome por assento o refino da Pólvora que se acha neste Est.º para se refinar, e p.ª esse effeito necessitar da fabrica que se acha nesta praça, voz ordeno lhe mandeis entregar a fábrica da Polvora com todas as suas pertenças e miudezas por inventário, e por elle será obrigado o mesmo Afonço Luis a restituir tudo sem deminiuição alguã. El Rey nosso Snr.º mandou por Miguel Carloz Conde de Sam Vicente, Gr.º da Armada do mar oceano doz seoz concelhoz do Estado e Guerra e Prezidente do ultramarino. Miguel de Macedo Ribeiro a fez em L.ª a dous de Junho de mil sette centoz, e quatorze.”

33. “Planta, perfil, e fachada da Fabrica da Pólvora da cidade da Bahia, edificada junto ao Forte de S. Pedro. Desenho de Manoel Cardozo de Saldanha, 1751” (.42m x .25m).

34. Castro e Almeida, na sua descrição do desenho de Jordão, afirma que nesta época se projetara adaptar

a Casa da Pólvora para a preparação do salitre que se explorava no sertão (*Catálogo de mapps* etc., 21), citando um ofício de Wenceslau Pereira da Silva, dado da Bahia, 7 de julho de 1755, que não nos foi possível consultar na preparação deste estudo e nem o “ofício do Capitão Engenheiro Bernardo José Jordão, para o intendente geral do ouro, remetendo a planta da fábrica da refinação da pólvora da Bahia fazendo a preparação do salitre, que vinha do sertão, Bahia, 6 de julho de 1755” (ABNRJ, 32, 1909, 127). Não se encontram informações sobre a personalidade de Bernardo José Jordão nem em Sousa Viterbo nem no livro de Sepúlveda.

35. “Planta, perfil e fachada da casa onde se fabricava a pólvora na cidade da Bahia situada junto do Forte de S. Pedro. Desenhada por Ignácio Lopes de Azevedo aluno partidista da Aula Militar. Bahia, 7 de março de 1756” (.435m x .285m).

36. Campos, *op. cit.*, p. 91.

37. “No que toca à fábrica dos Portaes deve ser no aspecto exterior algum rude para que represente austeridade, & horror significando assim ser a Praça invencível, & formidável a seus inimigos. Daqui veyo que nos Portaes de alguas antigas cidades se punhão Estátuas armadas, & esculpião as bandeiras, & despejos dos inimigos vencidos, ou outros sinaes significativos de emprezas grandes representando a cidade inexpugnável, antiga & triumphal. Por esta razão convem que sua fábrica seja de ordem Tuscana ou da Dorica das cinco, a que a Architectura Civil está reduzida: da Tuscana por ser muito de forte, & robusta, apta a sustentar todo o peso grave (diz Vicenzo Scamozzi) & que por tanto semelha o modo agigantado: da Dorica por ser de corpo, partes & membros fortes, & galhardos, representando muito do modo Herculeo, por cuja causa foi pellos antigos Architectos dedicada a Hercules (Serrão, Methodo Ilusitânico, 147).”

O Sieur Frézier, engenheiro de Sua Majestade Cristianissima, que observou a Casa relativamente pouco tempo depois de sua terminação, forneceu pormenores importantes acêrca da construção. “*C'est un quarré de mème*” escreveu o viajante francês “bâti de maçonnerie & sans fossé, lès bastions sont de six toises de face, lès courtines en ont quatorze, & les flancs deux, Il contient huit corps de magazins, voutés & couverts em pirâmide, couronnés d'autant de globes: on dit qu'il peut bien contenir deux à trois mille barrils de poudre; mais on y en tient souvent moins de cent.” (*Relation du voyage de la mer du sud aux côtes du Chily et du Pérou fait pendant les années* 1712, 1713, & 1714, Paris, 1732, p. 274)

38. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Seção de manuscritos: Luiz dos Santos Vilhena, manuscrito das Cartas soteropolitanas: desenho 45.

39. Na *Notícia geral* de 1759 José Antonio Caldas informa que a Casa da Pólvora “serve... de hospedagem, e hospital aoz Estrangeiroz que impellidos das vexasoens navaes vem surdir neste porto, naquel pondoselhe hua guarda na porta lhe impedem a comunicação, e comercio com os habitantes naquele pouco tempo que rezidem em reparar as suas ruínas...” (203). O engenheiro Tenente Coronel Manuel Rodrigues Teixeira assinou, em 27 de agosto de 1809 um relatório sobre o estado da Casa da Pólvora (Arquivo Público do Estado da Bahia, *Ordens régias*, 1810, 155-58).

40. Em 1764 haviam no convento 84 religiosas franciscanas (*Relação dos mosteiros de religiosas da capitania da Babia*, ABNR, 32, 66)

41. Fundado em 1679 por Frei Giovanni Promeano e Frei Tommaso di Sosa (Caldas, *op. cit.*, 11: Viana, *op. cit.*, edição inglesa, 1893, 316-17). Accioli, *op. cit.*, 5, 231-34.

42. Vasco Fernandes César de Meneses, quarto Vice-rei do Brasil, 1720-35.

43. Ligadas com o dique ou fosso cavado pelos holandeses em 1624 (Campos, *op. cit.*, 270). Figuram “A muralha e Dique com que os Holandeses a havião guarnecido pella parte da Campanha” na planta da cidade do engenheiro João Massé copiada por Luiz dos Santos Vilhena, que mostra também a posição do forte de S. Pedro em relação com a Casa da Pólvora (manuscrito citado).

44. Servia em 1720 nos Açores. Oito anos depois foi nomeado arquiteto do palácio de Vendas Novas, na província do Alentejo, construído na ocasião das bodas do futuro D. José I de Portugal (Sepúlveda, *op. cit.*, 15, 298-99). Primeiro governador da ilha de Sta. Catarina, tomou posse a 7 de março de 1739, ficando aí 10 anos. Em 1748 mandou a Lisboa desenhos dos quartéis e casa do governo (Castro e Almeida,

*Catálogo dos mappas*, etc., 379-83); já em 1739 tinha enviado um projeto dos canos das Águas da Carioca do Rio de Janeiro, quando servia de governador interino desta capitania na ausência de Gomes Freire de Andrada. (AHCP).

45. No ano de 1723, já na Bahia, recebeu este engenheiro português a patente de Capitão do Vice-rei Conde de Sabugosa. Nove anos depois, foi promovido a Sargento-mór e em 1746 a Tenente de Mestre de Campo, ficando Tenente Coronel em 1757. Nicolau de Abreu e Carvalho foi agraciado em 1747 com a ordem militar de Cristo, em reconhecimento dos seus serviços à coroa em inspecionar minas, fortes e igrejas arruinadas que careciam de reparos, suas atividades nas defezas da costa do Espírito Santo e Morro de S. Paulo, e como lente na Aula Militar da Bahia. Em 1761, na idade de 73 anos, estava quase totalmente cego (R. C. Smith, *Jesuit buldings*, 212, nota 244).

46. Tendo servido como Capitão de engenheiros na companhia portuguesa a favor da causa austriaca na Guerra da Sucessão de Espanha, e assistido à rendição da praça de Albuquerque em 1705, veio João Massé com o posto de brigadeiro examinar e reparar as fortificações da Bahia. Talvez edificasse o forte de S. Pedro. Em 1727 regressara a Lisboa, onde serviu de censor ao livro *Engenheiro português* de Manuel de Azevedo Fortes, Engenheiro-mór de Portugal (Sousa Viterbo, 2, 154). Sepúlveda acha-o inglês (*op. cit.*, 9, Coimbra, 1923, 277).

47. Lançou a primeira pedra desta capela a 19 de outubro de 1724 o Vice-rei Conde de Sabugosa (Falcão, *op. cit.*, 272, 273).

48. Provincial e reitor, 1740-44 (Padre Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 5 Rio de Janeiro, 1945, 87).

49. João de Abreu e Carvalho, filho, e Nicolau de Abreu e Carvalho, foram designados em 1763 para assistir, junto com o soldado Manuel de Oliveira Mendes, «aos lanços das obras da Torre e Adro da Sé» apesar dos protestos de José Antonio Caldas por motivo do jovem não ter frequentado a Aula Militar da cidade. Diz um documento do AHCP a respeito dele «padeceu o defeito à natividade de ter o lábio superior raxado por duas partes com hua grande concavid.<sup>o</sup>, e lezão, de maneira q. não se lhe percebem as palavras.» Era bom desenhista, empregando no seu trabalho enfeites caligráficos de forma bastante original e agradável (R. C. Smith, *some views of colonial Babia*).

50. Informa a *Relação dos mosteiros de religiosas da capitania da Babia* de 1764 que o convento possuía «21 religiosas de véo preto, das quaes cada uma tem sua cela; pois ha no dito Mosteiro 34, além das precisas officinas do mesmo Mosteiro. A renda de que se sustentão as Religiosas e 12 servas da Commuidade, que rezidem na clauzura são as congruas vitalícias de 100\$000 rs., que tem annualmente cada huma das religiosas, as quaes fazem a quantia de 2:100\$000 rs. E deste rendimento se tirão 100\$000 rs. para a despeza que faz a Igreja e sachristia, por não ter esta outro patrimônio mais que 3 pequenas moradas de casas terreas, que tendo alugadores remdem annualmente 36\$800 rs., as quaes casas obtiverão por esmola que se deo á mesma Igreja e sachristia. E supposto que, conforme a ordem do dito Senhor Rey D. João 5<sup>o</sup> se estabeleceo rendimento proporcionado para a fabrica da sachristia em huma morada de casas de 2 sobrados, que rendia annualmente 100\$00 rs., esta se demoliu com huma grande porção de terra que cahiu sobre ella, movida de huma grande invernoada. E como a Capella que tinha o dito Mosteiro era improporcionada pela sua pequenez e situação e nem tinha côro para se satisfazer commodamente aos officios divinos e mais funcçoens religiosas, por consentimento do dito Arcebispo e por haver 16 mil cruzados, que tinham sobrado das despezas feitas com a sustentação das Religiosas dos annos pretéritos e promessas de varias esmollas para a mesma obra se resolverão a fazer nova Igreja, côro e sachristia, que tudo importou a quantia de 23:692\$299 rs., do que resulta achar-se presentemente o dito Mosteiro devedor de 11:050\$447 rs., que se hão de satisfazer com as obras da sustentação das religiosas, por não ter outro rendimento, pois nem herda os principaes das congruas, nem as legitimas das religiosas» (ABNR, 32, 67). Viana afirma que a Provisão Régia de 20 de outubro de 1733 autorizou apenas 20 freiras e que o Cabido Sede vacante fez a cada uma a doação de 1:600\$000 (*Op. cit.*, edição inglesa, 313).

51. Autor do risco da igreja matriz de S. Ana Salvador, que a partir de 15 de dezembro de 1754 construiu

em companhia de seu filho Manuel de Oliveira Mendes. O contrato será publicado integralmente com o artigo *Documentos baianos* acima mencionado.

52. Entre as plantas mais interessantes e informativas figuram as das vilas de Alcobaça, Prado, Portalegre e Vila Viçosa na capitania do Porto Seguro, todas mandadas executar pelo Ouvidor, José Xavier Machado Monteiro, entre 1769 e 1772 (Castro e Almeida, *Catálogo de mappas* etc., 230-233) e a planta de Fortaleza, Ceará, que acompanha um requerimento do Capitão-mór Manuel Francês, de 3 de outubro de 1730 (reproduzida por S. Leite, *op. cit.*, 3, Rio de Janeiro, 1943, 76-77).

53. *Ibid.*, 5, 261-64.

54. ABNRJ 34, 328-31.

55. *Ibid.*, 327.

56. *Ibid.*, 409, 436.

57. *Ibid.*, 33, 364.

58. *Ibid.*, 333.

59. *Ibid.*, 327-28.

60. *Ibid.*

61. *Ibid.*

62. *Ibid.*, 333.

63. *Ibid.*, 331.

64. *Ibid.*, 333.

65. Os arquitetos da Companhia de Jesus, assim como os de outras ordens religiosas em Portugal na segunda metade do século XVI e no período seguinte, colocavam os alpendres, alguns abobadados e cobertos de azulejos às entradas dos conventos ilhargados às igrejas. Subsistem nas antigas fundações Jesuíticas de Evora, Elvas, Portalegre e Ponta Delgada, no antigo convento de N. S. do Carmo de Evora e catedral de Viseu. No Brasil nenhuma das velhas construções da Companhia que o autor conhece tem seu alpendre conservado, embora o ex-colégio de Sto. Alexandre de Belém do Pará mostre ainda uma parte dele encostada na parede da fachada. Existem bons exemplares no convento de N. S. da Penha de Vila Velha, Espírito Santo, talvez do século XVI, e no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro (século XVII). Vestígios de alpendres encontram-se às entradas do hospício de N. S. do Carmo de Goiana (Pernambuco) e do convento franciscano de N. S. das Neves de Olinda. Sabe-se, graças a uma extraordinária série de desenhos setecentistas no Arquivo Militar do Rio de Janeiro representando antigas propriedades dos Jesuítas na Bahia que o colégio do Salvador e seminários de N. S. da Saúde e Belém da Cachoeira os ostentavam no século XVIII (R. C. Smith, *Jesuit buildings*, figuras 1, 6, 10, 11).

66. Reproduzidas por Falcão, *op. cit.*, 424, 493.

67. *Op. cit.*, 5, 262.

68. Nota 65. Não conhece o autor o atual aspecto da matriz de Abrantes.